

# Casimiro de Abreu – Ilusão

Quando o astro do dia desmaia  
Só brilhando com pálido lume,  
E que a onda que brinca na praia  
No murmúrio soletra um queixume;  
Quando a brisa da tarde respira

O perfume das rosas do prado,  
E que a fonte do vale suspira  
Como o nauta afastado;  
Quando o bronze da torre da aldeia  
Seus gemidos aos ecos envia,  
E que o peito que em mágoas anseia  
Bebe louco essa harmonia;  
Quando a terra, da vida cansada.  
Adormece num leito de flores  
Qual donzela formosa embalada  
Pelos cantos dos seus trovadores;  
Eu de pé sobre as rochas erguidas  
Sinto o pranto que manso desliza  
E repito essas queixas sentidas  
Que murmura as ondas co'a brisa.  
É então que a minha alma dormente  
Duma vaga tristeza se inunda,  
E que um rosto formoso, inocente,  
Me desperta saudade profunda.  
Julgo ver sobre o mar sossegado  
Um navio nas sombras fugindo,  
E na popa esse rosto adorado  
Entre prantos p'ra mim se sorrindo!  
Compreendo esse amargo sorriso,  
Sobre as ondas correr eu quisera...  
E de pé sobre a rocha, indeciso,  
Eu lhe brado: – não fujas, – espera!  
Mas o vento já leva ligeiro

Esse sonho querido dum dia,  
Essa virgem de rosto fagueiro,  
Esse rosto de tanta poesia!...  
E depois... quando a lua ilumina  
O horizonte com luz prateada,  
Julgo ver essa fronte divina  
Sobre as vagas cismando, inclinada!  
E depois... vejo uns olhos ardentes  
Em delírio nos meus fitando,  
E uma voz em acentos plangentes  
Vem de longe um – adeus – soluçando!  
Ilusão!... que a minha alma, coitada,  
De ilusões hoje em dia é que vive;  
É chorando uma glória passada,  
É carpindo uns amores que eu tive!

**Casimiro de Abreu, As primaveras**